



SUPLEMENTO
ACRE

The title 'SUPLEMENTO ACRE' is centered. 'SUPLEMENTO' is in a smaller, bold, sans-serif font. 'ACRE' is in a much larger, bold, sans-serif font with a grainy, textured appearance. A street lamp graphic is positioned to the left of 'SUPLEMENTO', with its arm extending over the word.

ouro preto_mg

//edição quinze

ameopoemaeditora@gmail.com

[facebook.com/ameopoema](https://www.facebook.com/ameopoema)

SUPLEMENTO ACRE

julho | ago | set 2019 – OP_MG
edição 15

🌀 tiragem infinita
vários colaboradores



capa em stencil por: fb/silhuetaartzine
edição e finalização: fb/studiob2mr
organização: AMEOPPOEMA
ameopoemaeditora@gmail.com
fb.com/ameopoema
Revisão: Eduardo Sacramento e Dy Eiterer

Wally Salomão

"Eu lhe ofereço
Essas coisas que ennumero:
Quando fantasio
É quando sou mais sincero".

nesta edição:

Wally Salomão // Inácio Cruz // Mariana Leme // Lima Barreto // Trimano // Paulinho Assumpção // Hilda Hilst // Hudinilson Jr. // Rômulo Ferreira // Antônio dos Anjos // Guilherme Mansur // Ben Shahn // Lawrence Ferlinghetti // Gabriela Casanova // Alexandre Durratos // Ivo de Souza // David Monsores // Gabriel Alexandre // Isabela Saramago // Oswaldo Guayasamín // Conrado Gonçalves // Fernando Pessoa // Uma Crônica por Dia // Lino // Dy Eiterer // Elidiomar Ribeiro // Henrique Magalhães // Pedro H Jesus // Tauã Lima Verdan // Jeane Boudignon // Eduardo Sacramento // AMEOPPOEMA.



editora
AMEOPPOEMA

Bmr
studio gráfico
fb.com/studiob2mr

apoio: 

Marca de Fantasia
www.marcadefantasia.com

VOCÊ É POETA?

Ah, você é poeta?
 Já sacou papel e caneta na calçada,
 já escreveu em pé no ônibus ou trem,
 já anotou palavras quase sem enxergar o papel
 ou até na palma da mão
 só para não deixar o poema escapar?

Ah, você é poeta?
 Já escreveu comendo
 ou cagando
 porque a poesia
 também é necessidade básica?
 Já ficou repetindo versos
 até sair do chuveiro,
 secar as mãos (no mínimo!)
 e conseguir pegar um papel?
 Já teve que sair da cama
 quando estava quase dormindo
 para não esquecer os versos
 que querem vir junto com o sono...
 ou foi vencido,
 e acordou na manhã seguinte
 lamentando não lembrar
 daquele belo poema que
 podia ter nascido?

Ah, você é poeta?
 Já se embriagou de álcool e versos
 fugindo dos chuveiros
 sob as árvores da praça
 iluminando as letras
 com a luz dos postes
 num estado de celebração
 sem solenidades?
 Já levou sua poesia
 para as calçadas
 misturando as palavras
 ao barulho e à fumaça das ruas
 e mesmo assim
 voltando para casa
 de alma lavada?

Jeanne Bordignon
 fb.com/voos.e.palavras

VOCÊ É POETA?

Ah, você é poeta?
 Já achou uma bosta
 a maioria dos seus poemas?
 Um ou outro melhorzinhos?
 (Como ser poeta
 sem umas crises existenciais
 de vez em quando...
 e delas fazer
 mais poesia?)
 Já escreveu poemas
 que permanecem inéditos
 sobrevivendo
 a cada reencontro
 ao impulso de amassar o papel
 e arremessar ao lixo?

Ah, você é poeta?
 Já escreveu como se estivesse
 em catarse
 em febre
 ou numa onda estranha
 alguma vez?
 Já escreveu como se
 esparramasse as entranhas
 no papel
 alguma vez?
 Ah, você é poeta?
 É possível mergulhar
 em algum de seus poemas
 sem machucar a cervical?



Conrado Gonçalves
conradopalavras@gmail.com
Ilustração: **Mariana Leme**

um dardo tranquilizante vem na minha direção

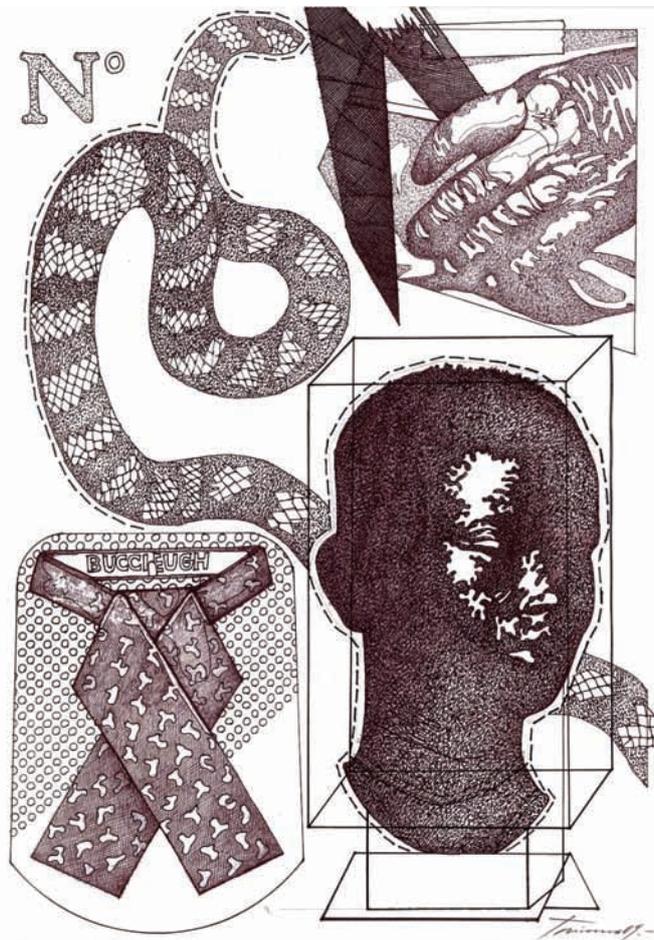
as horas do dia são algum tipo de golpe e em todos
há alguma tentativa de esquiva
quase todas em vão
observar o que resta de um dia
com a vista cansada e fria deitada no horizonte pode
realmente ser um sinal de entrega
pode ser o tempo necessário a se recuperar ou só
uma excentricidade
a velha misantropia que guardo na manga e é um
trunfo sempre pronto a ser lançado às cartas
pode ser o único jeito de trapacear
e tentar vencer a rodada
se houvesse jogo
o baralho está pra sempre com as cartas dadas na
mesa de quatro lugares
cada final de tarde é uma partida e nenhum de mim
tem coragem de mostrar sua mão ou sequer verificar
as possibilidades
cada pôr de sol é uma luta de boxe onde nenhum
dos dois ergue a guarda enquanto o juiz fuma um
cigarro e a plateia conversa animada
do banquinho no corner ou do espaldar da cadeira
diante da mesa e de todos os dias observo o dardo
tranquilizante que vem na minha direção
e a esquiva não vai funcionar

“O senhor não vê que a pátria não é mais do que a exploração de uma minoria, ligada entre si, estreitamente ligada, em virtude dessa mesma exploração, e que domina fazendo crer à massa que trabalha para a felicidade dela? O público ainda não entrou nos mistérios da religião da pátria...

Ah! quando entrar!”

Lima Barreto - Recordações do Escrivão Isaías Caminha, 1909.

Ilustração: **TRIMANO**
Lima Barreto - "Recordações do escrivão Isaías Caminha"
hidrográfica e esferográfica



SONETO DE FOME

Tauã Lima Verdan
taua_verdan2@hotmail.com

O prato vazio revela a tristonha situação
Um desespero sem fim, sem alimentação
A fome presente é companhia constante
Sinto a barriga doer por mais um instante

Um choro intenso preenche a imensidão
Pranteia a criança numa dóida lamentação
Um escape procura os olhos tão molhados
A matar o instinto que os deixa alucinados

Fome faceira que acompanha o desvalido
Não há onde se esconder, não há abrigo
Há apenas aquela sensação incontrolável

A boca seca sente a memória duma fartura
Um devaneio insano, o início de uma loucura
Da fome contínua que provoca dor indomável

Através da minha câmera fotográfica eu posso captar tudo aquilo que é essencial aos sentidos, imagens que são gravadas para que eu construa dentro da minha pessoa alguém ávido, isto é, que vive ansiosamente a expectativa de dias melhores para tudo aquilo que é afetado. Pois bem, um dia uma senhora me deu uma palavra amiga, dizia que eu poderia ter toda razão para estar triste, mas não deveria transformar esse sentimento em ódio. A minha câmera fotográfica é o meu coração e através das imagens que registro dentro dele, tento compartilhar as mesmas para que estas não fiquem guardadas somente pra mim ou caiam no esquecimento, porque as coisas raras como o amor não devem ser vividas apenas uma vez.

Pedro H Jesus
@entrelinhaspedro



HUMANOS

Onça
 Pintada
 Preta
 Parda
 Guará
 Lobo
 Ave
 Anu
 Preto
 Branco
 Jiboia
 Cobra
 Planta
 Preto Humano
 Branco Humano
 Índio Humano



#SejamosTodosHumanos

Poema e Ilustração:
 Elidiomar Ribeiro da Silva
 elidiomar@gmail.com

Manhãs

Não trago a noite em meu nome,
nem as horas tardias que o sol esconde.
Trago presente em meu nome
a luz que se repete,
que a cada dia se levanta,
e encanta, porque renova.
Tenho todo tempo do mundo,
as primeiras horas sempre minhas
e dos que vierem de mim.

Não dei aos meus o que é do animal,
nem da fruta, nem da árvore,
nem daquele que me quer mal.
Dei daquilo que me pertence.
Que o sol quando levante continue sendo meu.

Ah! Dos tantos que me feriram,
quem traz no nome a poesia?
Afinal, o que pode ser mais belo
do que o raiar do dia?

Paulinho Assumpção
paulo.assump@terra.com.br

Tenta-me de novo

E por que haverias de querer minha alma
Na tua cama?
Disse palavras líquidas, deleitosas, ásperas
Obscenas, porque era assim que gostávamos.
Mas não menti gozo prazer lascívia
Nem omiti que a alma está além, buscando
Aquele Outro. E te repito: por que haverias
de querer minha alma na tua cama?
Jubila-te da memória de coitos e acertos.
Ou tenta-me de novo. Obrigá-me.

Hilda Hilst, in Amavisse 1989



Hudinilson Jr. é nome de referência para o *graffiti* brasileiro e um dos poucos artistas francamente identificados à arte homoerótica no Brasil. A produção de Hudinilson Jr. é considerada marginal e underground. Lançando mão dos meios de comunicação e da intervenção urbana, suas obras exploram a poética do corpo e discutem questões acerca de valores morais e políticos. Experimentou múltiplas expressões artísticas como desenho, pintura, mail-art (arte postal), *graffiti*, xerografia (arte xerox), performance e intervenções urbanas, nas quais o corpo humano masculino, o erotismo e o prazer são temas recorrentes. Seus trabalhos geralmente contêm nus masculinos frontais ou se apropriam de fotos e desenhos do universo gay e pornô. Por muitos anos sua obra foi negligenciada por museus e galerias ao elaborar formas de democratização da arte surgida nos anos 1960, como a “mail-art”, a “mídia xerox”, a apropriação de imagens em colagens e o próprio *graffiti* mural. Em 2011, a Galeria Jaqueline Martins passou a representar o artista e sua obra ganhou visibilidade em museus e galerias. A valorização de sua produção foi questão de tempo e também de um olhar atento para uma produção experimental e de caráter “marginal” das mais representativas das décadas de 70 e 80-época em que o mercado de arte buscava cancelar produções artísticas cada vez mais palatáveis em detrimento às propostas de caráter experimental ou conceitual. Ainda



estudante do curso de artes plásticas da FAAP, protestava contra a ditadura no Brasil com os amigos Mário Ramiro (1957) e Rafael França (1957 - 1991). Em 1979, funda o grupo 3Nós3 com França e Ramiro. Até 1981, o grupo realiza intervenções artísticas na paisagem urbana de São Paulo encapuzando estátuas públicas e atormentando os militares. O 3Nós3 tem como premissa ocupar, ao mesmo tempo, tanto o espaço da cidade como o espaço da mídia. A ocupação dos meios de comunicação de massa, os registros gerados pela imprensa, bem como as documentações fotográficas e publicações feitas pelo grupo são partes integrantes dessas intervenções. Além disso, realizam atos de subversão e crítica ao mercado de arte daquele momento, atormentando também os

proprietários de galerias de arte e diretores de museus, lacrando as portas de inúmeros estabelecimentos e instituições em São Paulo. Exímio artista da colagem, Hudinilson combina referências dos universos pop e homoerótico à sua história pessoal. A partir de 1982, inicia a série Exercícios de Me Ver, que consiste na reprodução xerográfica de partes do próprio corpo, com exposições na Galeria Chaves em Porto Alegre, e no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - MAC/USP em 1983. Seus trabalhos em *graffiti*, utilizando estêncil, são elaborados desde meados da década de 1980. Nesse período, conhece Alex Vallauri (1949 - 1987), de quem recebe orientações e desenvolve parceria em alguns trabalhos. Em 1984, participa da 1ª Bienal de Havana e da exposição Arte Xerox Brasil, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, da qual é curador. Expõe na 18ª Bienal Internacional de São Paulo em 1985 e na 3ª Bienal de Artes Visuais do Mercosul em 2002. Negligenciado pelo mercado de arte local, foi resgatado pela galerista Jaqueline Martins, que realizou duas exposições de seu trabalho em São Paulo em 2012 e 2013. Suas obras foram o destaque da galeria na feira ARCO 2013, em Madri, despertando a atenção de instituições internacionais.

CRÍTICA ----- Com olhos de Narciso, Hudinilson se debruça sobre a máquina de xerox e registra as partes de seu corpo. Num ato sensual, desmembra tronco, pernas, braços e sexo para depois juntá-los ou trabalhar cada parte sobre um suporte que pode ser colagem, objeto, *graffiti* ou mesmo xerox. Ex-integrante do grupo 3Nós3, lacrou portas de galerias, ensacou monumentos e fez várias intervenções urbanas. Em seguida, envolvido com o universo do mito grego e tomando seu universo como pulsação central, Hudinilson inicia a busca de si mesmo na projeção do outro. Como uma criança que descobre o prazer de brincar com o espelho que lhe devolve a própria imagem, Hudinilson Jr. joga com as imagens. No entanto, a busca de Hudinilson na projeção do outro nunca se refletiu no mercado de arte. Artista marginal, sempre se manteve paralelo ao circuito – até o momento presente. Sua morte em agosto de 2013 despertou interesse maior pelo seu posicionamento estético, e sua obra torna-se agora objeto de reflexão e análise retrospectiva pela crítica especializada.

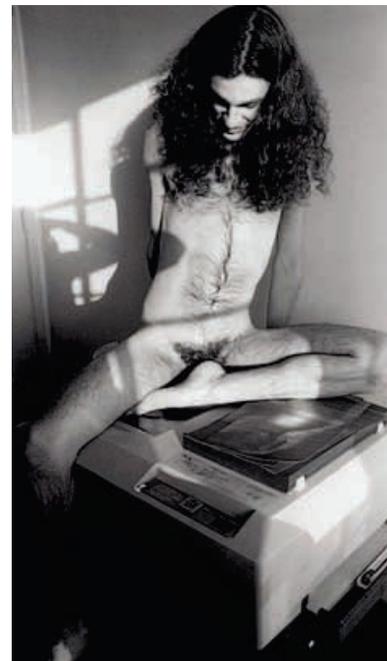
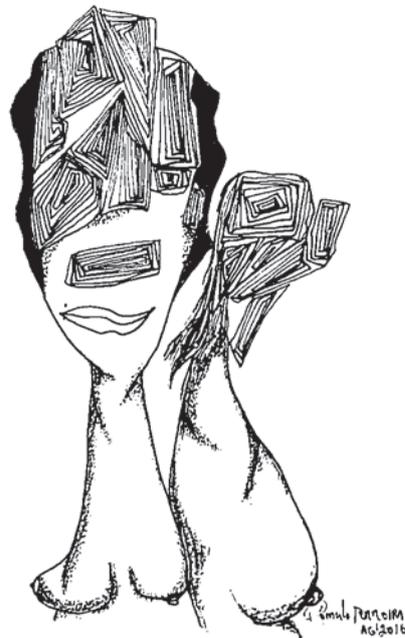


foto: internet

Desalinhavo

Até então, a poesia não tinha forma.
Eram versos em franca liberdade.
Às vezes, leves, às vezes, pesados.
Livres.
Soltos.
Assustadoramente clarividentes:
Tradutores de muitos de meus sentimentos.
Miseravelmente dolorosos,
Revirando desamores.
Ocos, ecos, ressonantes.
Cada verso em sua unicidade.
Poesia de remendos, mosaicos, ajeitos.
Mas, outro dia, ela, a poesia, chegou.
Partiu-me com o efeito de um raio
Era viva, pulsante,
De carne, osso e verbo: ação.
Deu-me um bom dia...
E nunca mais houve sossego,
Nunca mais deixei de procurá-la.
Em cada par de olhos castanhos,
Em cada sorriso bobo.
Aquela poesia não sabe,
Mas desassossejou-me a alma
E se não me vem ao amanhecer,
Sigo em sua espera até que beijo a lua
E adormeço sonhos nublados,
Pelas metades, desalinhavados.



Dy Eiterer

Instagram: @dyeiterer e @dyvagando

Facebook: Dy Eiterer

Blog: www.dyeiterer.blogspot.com.br

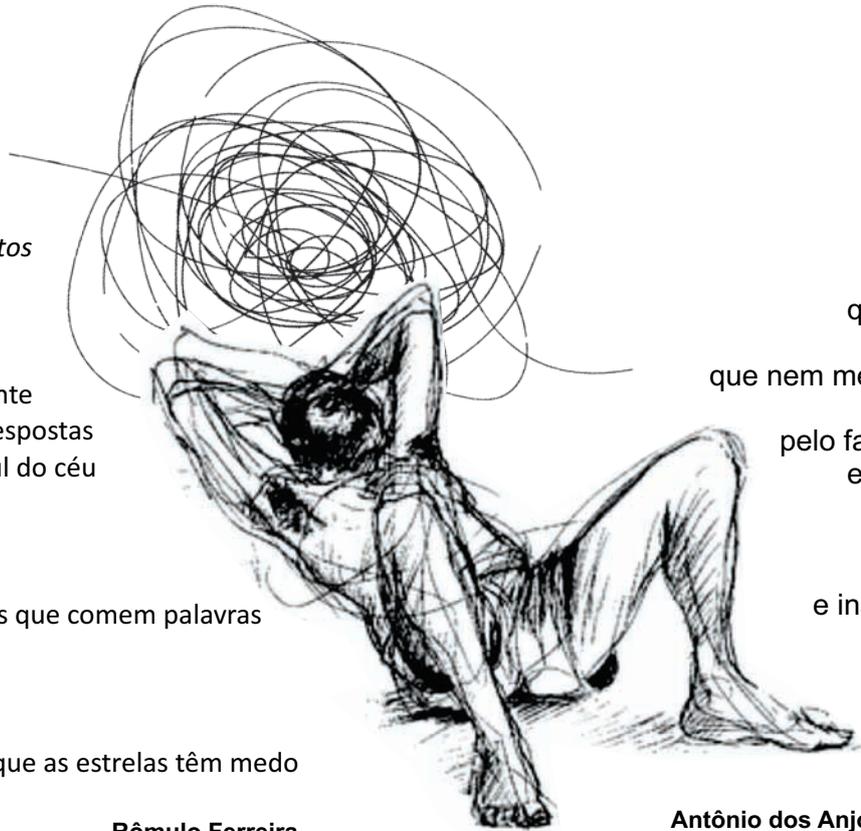
E-mail: edylaneeiterer@yahoo.com.br

Ilustração: Rômulo Ferreira

à Flávia Santos

Enfeite meus olhos
Com seus cheiros
Investiga minha mente
Com suas prontas respostas
De dizer sobre o azul do céu
Do mar
Do lago,
Do azul
Diz-me que os lábios que comem palavras
Regurgitam olhares
Vem,
Aperta-me.
Sonha um pouco o que as estrelas têm medo

Rômulo Ferreira
[facebook.com/silhuetaartzine](https://www.facebook.com/silhuetaartzine)



talvez o amor
hoje de manhã
me vi sorrindo
à toa, de graça
que graça!
talvez
sejam desejos
talvez medo
talvez o sol
que me acordou
talvez o amor
que nem me deixou dormir
talvez até
pelo fato de eu existir
eu tenho sorrido
existo
resisto
amo
e insisto em sorrir..

Antônio dos Anjos de Ouro Preto
antoniodosanjosouropreto.blogspot.com

AMANHECER COM CAVALOS

Os cavalos os cavalos os cavalos selvagens ao amanhecer
como numa aquarela de Ben Shahn
os cavalos vivos no pasto alto
no planalto ao longe
você pode ver os cavalos galopando
você pode ver os cavalos bufando
você pode ouvir longe os seus trovões
você pode ouvir os pequenos trovões
dos pequenos cascos dos cavalos
insistentemente
como martelos de madeira batendo
num tambor distante
O sol ruge &
joga as sombras deles
pra fora da noite



Amanhecer com cavalos, poema de Lawrence Ferlinghetti – tradução de Guilherme Mansur
Ps: "Cavalos primitivos", aquarela de Ben Shahn

2 poemas com Eduardo

1 ANSIEDADE FORTE

Dei um freio na farra
E fiz força prá ficar feliz.
Fragilizei as fomes mais fúteis
Fabricando afazeres afins.
Ficarei logo enfasiado
Falseando meus humores febris?!?!?!?

2

A chave dos meus segredos contém
códigos não binários tentando sair do
chaveiro do senso comum,
mas emperrada na fechadura da segurança...

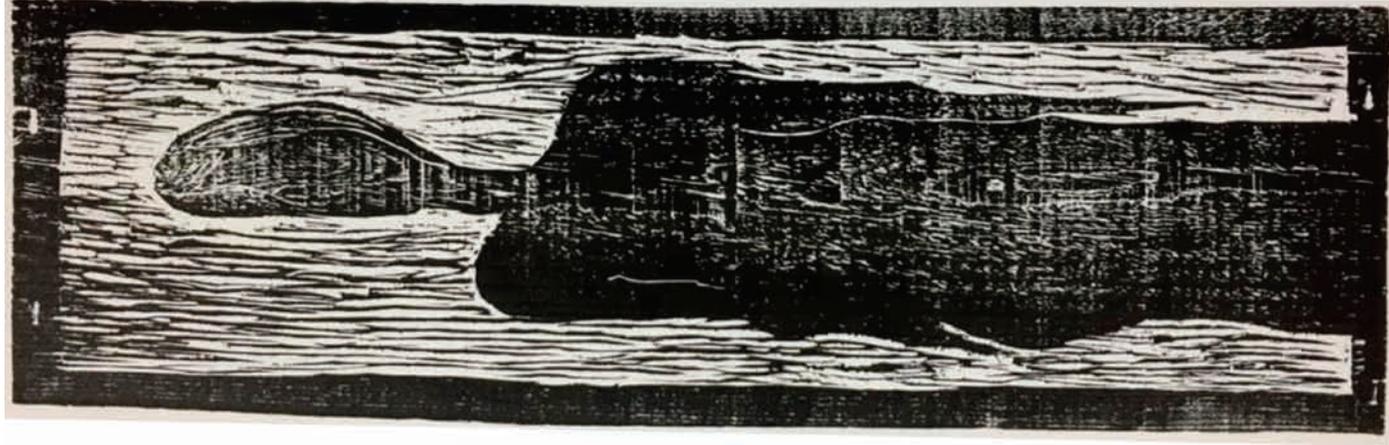
Eduardo Sacramento
sacramento.eduardo74@yahoo.com

QUILOMBOLIBERTAÇÃO

Há sim
De nascer novo Zumbi
Não nascerá apenas em Palmares
Não nascerá apenas em uma pessoa
Há de nascer sim
Nos corações
Até mesmo dos já nascidos
Quilombolaremos o mundo
Romperemos as fronteiras
De todo o universo
De preconceitos
Cidadãos do Cosmos
Enfim, libertaremos
Da opressão de uma sociedade Racista
Que o impele à animalização
O branco, nosso irmão

LINO
natalinolettras@gmail.com

as estrelas cumprem
[trajetórias
 cerzindo o plano
 [galático
orbitando o centro massivo
[da galáxia
 porque obedecem
 o princípio
que rege o movimento
 do spin
das partículas
[carregadas.
 o méson pi
tem esse nome
 [porque
 o circuito
 [q traça
tem formato circular
ou também ovóide.
a galáxia elíptica
já essa, tem o seu formato
 tirado
da união
das trajetórias
d partículas
subatômicas
sob sua guarda -
 agindo
 ñ no magnetismo
 mas na gravidade
q vem da sua massa



Texto: “Uma Crônica Por Dia”
ilustração:
“xilogravura para poema não escrito”
Rômulo Ferreira

[a memória
é uma velha louca
que joga comida fora e guarda trapos coloridos]

Gabriella Casanova
@_chamberofreflection
gabriella_casanova@yahoo.com

plano geral do subconsciente: madrugada (da alma)
... há uma revolução que me avilta as ideias ...
autocarro // quase cinco da manhã // darkwave
eu não costumava olhar pela janela com a mesma tristeza que olho agora...
do outro lado do vidro, uma cara vermelha que grita não me assusta nem comove;
eu poderia me considerar uma poeta tosca ((poeta de merda)) mas sou puramente um produto do
meu tempo 21th century COLAPSO!!!!!!

digo ao condutor: let's take a walk on the wild side
é aí que confesso a ele minhas fantasias mais mordazes
sabe, meu pai disse que também começou a fumar aos 12 e que frequentemente seus pensamentos
mais obscuros de criança que só brinca c/ a solidão se aliviavam quando imaginava que tinha olhos
de peixe e a vil sagacidade de um homem morto pelas costas
e
nós sempre tivemos essa relação de amor e ódio ele amor eu ódio mas ele tinha longas pernas e
usava sempre meias pretas - eu uso apenas a distinção de quem não se lembra mais do que sonha
pra delirar de olhos abertos

...
numa dessas minhas paranóias retrocognitivas de estimação é que andou perambulando um corpo
frágil corpo trêmulo, sua cabeça cadavérica descoberta por baixo de um finíssimo véu negro em
plena luz do dia, nas mãos uma mortalha feita sob medida tecido fino haute couture sempre
estendida em minha direção... daí se você me perguntar por onde andei nos últimos tempos, well, eu
diria que andei fugindo da morte , rezando pela chegada d'A Noite Eterna... mas agora que a Aurora
do Homem foi finalmente interceptada pela pernicioso megalomania divina ou cósmica ou seja lá de
onde caralhos venha todo o cruel impulso vital da Mãe Natureza posso afirmar com ganho de causa,
darling, que o simbolismo não me afeta mais.

"TO RECORDS ONLY WATER FOR TEN DAYS"

David Monsores
david_taba@hotmail.com

Dez dias gravando a água e bebendo de um conta-gotas sentado ao sol
Juntar as gotas como se fossem peças de um brinquedo espalhado pela sala
E construir um lar com blocos de terremoto
No quintal uma piscina feita com paredes de ar
Correntes de vento e inundações frequentes pondo abaixo os termos de um contrato
[recente que continua sendo necessário reestabelecer suas cláusulas a cada olhar
E sabe-se lá mais quantas vezes reconstruir as barragens e diques para serem
[destruídos novamente.

Apesar de tudo nascem jardins nas beiras dos córregos
E o que se tem para oferecer são essas flores comestíveis
E uma sensação de dormência e formigamento nos lábios.

Assenta-se
Aos berros
No duro...
No falo: nem osso
Grita tanto
Quanto essa dor
De cabeça

Alexandre Durratos
facebook.com/poetaxandu

Varição linguística
O cara pediu:
- Dar-me-ia um ósculo?
E recebeu um tapa.

Ivo de Souza
facebook.com/ivode.souza.9083

“Seguimos o princípio contrário ao do tio Mussolini e ao do abade Lenine.

Desoprimir!

Tornar os outros diferentes do que nós queremos!

Ensinar cada homem a pensar pela sua cabeça e a existir com a sua existência
- só com a sua existência.”

(**Fernando Pessoa** c.1925;
transcrito de *“Sobre o fascismo,
a ditadura portuguesa e Salazar”*;

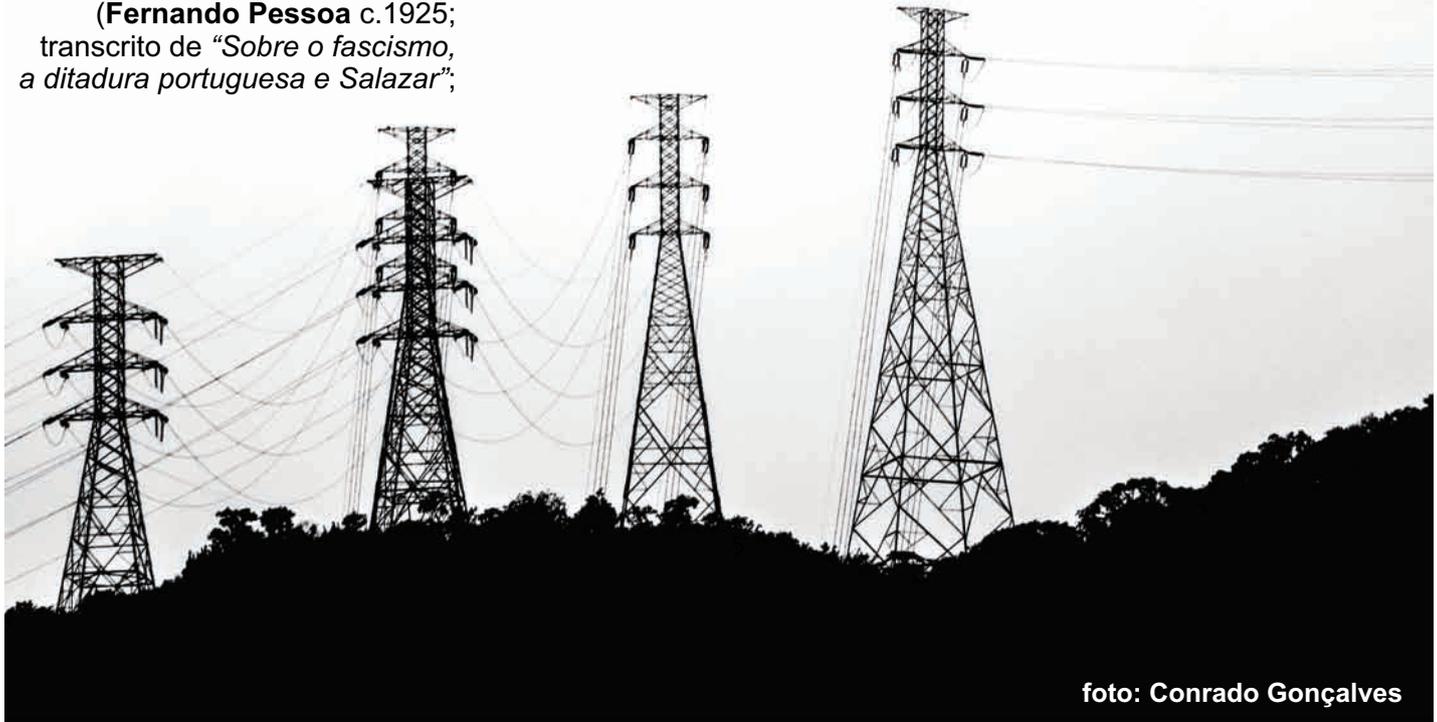


foto: Conrado Gonçalves



Vazio

agudo

Ando meio

Cheio de Tudo

ilustração:
Mother de Oswaldo Guayasamín, 1969
texto: **Paulo Leminski**

Dois mil e dezessete sings the blues again. Para os que não ouviram,
deitados em cama macia, cobertos de flores, seus olhos vendados, well, dois mil e dezessete
sings the blues again: Eu me lembro de quando éramos dois;
De quando escorriam de seus olhos o doce tormento era reconfortante tua dor.
Agora, gosto amargo de sangue na boca, cigarros baratos e o rosto da Ivete Sangalo em
todos os outdoors no subúrbio. Eu me lembro de quando éramos dois;
Lembro do dia em que pus o disco para tocar, de quando éramos suficientes eu e você e as
árvores e todas as coisas vivas entre nós... No entanto, o disco não parou.

Eu parei na esquina a te esperar enquanto
Um tocador de saxofone tirava notas de jazz, mas esse é o ano do Blues
Você não apareceu, eu não dei nenhuma moeda a ele, dormi e acordei num banco de praça
O mundo acordava mas a música não parava: Gêmeos siameses dançavam o Blues.

Uma tarde nebulosa, A flor que não desabrocha. O humano que cortou as asas da borboleta
porque quis, bem, querer não é poder em **dois mil e dezessete**.

Cuspa seu discurso. Queira que os poetas morram. Tudo bem, eles já têm a conta do
enterro paga desde o momento em que pegam papel e caneta pela primeira vez.

Brincar de Deus não é uma opção em dois mil e dezessete. (e o pior é que consigo
me lembrar de quando éramos dois!).

A música nunca para, ela me acorda pela madrugada sussurra pesadelos
mas ok a fumaça daquele cigarro barato não se dissipou,
tampouco a tarde nebulosa e eu me tornei dama quando você se foi,
mas ainda não aprendi a andar de salto alto

(eu gosto das marcas de batom nas pontas dos cigarros mortas no cinzeiro)
Em dois mil e dezessete a voz agoniza na canção mais triste que eu já ouvi.

2017 BLUES

(para Ana Cristina César)

Gabriel Alexandre

gabriel.alexandre2007@gmail.com

O Canto

Isabela Saramago
isaramago@terra.com.br



Balançava numa árvore
quando um lindo pássaro pousou.
Suas penas de vivas cores
brilhavam, e no verde acenou.

O tempo emudecido,
fitou-o por um segundo.
O pássaro muito sabido
cantou no silêncio provido.

“- Cante uma canção
do fundo do coração
sem ritmo ou refrão
solte aos berros sua emoção!

Solte um sorriso
alegre e verdadeiro.
Abraça o paraíso
sem rodeio, por inteiro.

Vida que no tempo existe
faça sentido, cante e ria.
Saia do abstrato, o tempo persiste.
Venha para a vida colorida!”